A utilidade de acreditar

Santo Agostinho

Santo Agostinho

A Utilidade de Acreditar

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

2018

A utilidade de acreditar

Santo Agostinho

Introdução[1]

1

Eu era sacerdote em Hippona quando compus o livro **A utilidade de acreditar**, que foi dedicado a um de meus amigos, seduzido pelos maniqueístas.

Eu sabia que ele estava ainda envolvido nesse erro e, debochando, reprovava a disciplina católica que obriga as pessoas a acreditar, sem lhes ensinar a verdade através de razões absolutamente certas.

Eu disse neste livro: *Todos esses mandamentos da lei __ que não é mais permitido aos cristãos agora fazer uso, como o sábado, a circuncisão, os sacrifícios e outras coisas deste gênero __ possuem tantos mistérios, que toda pessoa pia compreende que não há nada de mais funesto do que tomá-los ao pé da letra, ou seja, palavra por palavra, tudo o que se encontra ali e nada também existe de mais saudável do que compreendê-los em espírito. Daí, estas palavras: "A letra mata, mas o Espírito vivifica"*[2] [3].

No livro intitulado **O espírito e a letra** eu expliquei de forma diferente estas palavras do apóstolo São Paulo e acredito que __ ou melhor, é evidente ___ com muito mais adequação e verdade. No entanto, esta interpretação não está errada.

---

[1] Das *Revisões*. Livro I, cap. XIV.
[2] 2 Coríntios 3: 6.
[3] Cap. 9.

2

Eu disse também: *Há na religião dois tipos de pessoas dignas de elogios. Um deles são aquelas pessoas que já encontraram a verdade e estas, é preciso considerar como muito felizes. O outro tipo é o daquelas pessoas que a procuram com muito ardor e lealdade. Os primeiros já estão de posse da verdade e os outros somente estão no caminho, mas com a certeza de chegar até ela*[4].

Se os bem-aventurados que já encontraram a verdade e que estão de posse dela não estão mais nesta vida, mas naquela que esperamos e para aquela que nos voltamos através da fé, não há erro em minhas palavras, pois devemos afirmar que estes encontraram o que é preciso buscar, já que eles chegaram __ procurando e acreditando, ou seja, seguindo a vida da fé __ onde esperamos chegar.

Se, pelo contrário, acreditamos que eles são ou foram bem-aventurados já nesta vida, isto não seria exato. Não que não se possa encontrar alguma verdade que seja vista pelo intelecto e não pela fé, mas, por que nada do que está neste mundo chega a produzir a beatitude.

De fato, o que o Apóstolo diz: *Hoje vemos como por um espelho, confusamente* e *hoje conheço em parte*[5] é visto pelo espírito, é visto plenamente e, no entanto, não produz ainda a beatitude. O que a produz, o Apóstolo diz: *então veremos face a face* e *então conhecerei totalmen-*

[4] Cap. 25.
[5] 1 Coríntios 13: 12.

te, como eu sou conhecido[6]. Aqueles que encontraram isto estão de posse da beatitude, à qual conduz o caminho da fé que seguimos e à qual desejamos chegar pela fé.

Mas quais são esses bem-aventurados que já chegaram ao objetivo para onde conduz essa estrada? Esta é uma grande questão.

Que os santos anjos já estejam lá, isto não há dúvida. Mas as pessoas santas que já morreram, podemos dizer que realmente estejam de posse disso? Esta é uma questão a examinar.

Elas estão, é verdade, livres deste corpo de corrupção que é um peso para a alma. Mas elas esperam ainda a redenção de seus corpos. Sua carne repousa na esperança, mas ela ainda não brilha no resplendor da incorruptibilidade futura.

Mas, aqui não é o lugar para pesquisar se elas desfrutam menos da contemplação da verdade, através dos olhos do coração, como está escrito: *face a face*.

Eu disse igualmente: *É uma felicidade muito grande compreender as coisas grandes, honestas e divinas*[7]. É preciso reportar estas palavras à beatitude que acabo de comentar, pois tudo o que se sabe disto nesta vida ainda não é a beatitude e o que se ignora é incomparavelmente superior ao que se acredita saber.

[6] 1 Coríntios 13: 12.
[7] Cap. 25.

3

O que eu disse: *Há uma grande diferença entre conhecer uma coisa através de um processo preciso da inteligência __ que é o que nós chamamos de aprender __ e confiar utilmente na fama e nos textos pelos quais a coisa foi conhecida pela posteridade* e, um pouco depois, *o que nós sabemos, devemos à razão; o que acreditamos, à autoridade*[8] não deve ser compreendido no sentido de que, na linguagem usual, temos dizer que sabemos o que testemunhos dignos de fé nos levam a acreditar.

Quando falamos rigorosamente, não dizemos saber que o que compreendemos é pela firme razão de nossa inteligência. Quando falamos em termos mais usuais, como fala a própria divina Escritura, não hesitamos em dizer que sabemos e que percebemos pelos sentidos de nossos corpos e o que acreditamos é segundo testemunhos dignos de fé. Basta que compreendamos a distância que há entre uma coisa e outra.

4

Quando eu disse: *Ninguém ignora que há entre nós pessoas insensatas e pessoas sábias*[9], estas palavras podem parecer contrárias ao que eu disse no terceiro livro sobre **O livre arbítrio**: *Como se a natureza humana não fosse capaz de um estado intermediário entre a sabedoria e a tolice*[10].

---

[8] Cap. 25.
[9] Cap. 27.
[10] Livro III, cap. XXIV.

Na primeira passagem tratava-se de examinar se o primeiro ser humano foi criado sábio ou insensato ou nem uma coisa e nem outra. Não se pode chamar de insensato aquele que foi criado sem defeito, pois a tolice é um grande defeito. Por outro lado, como chamar de sábio aquele que pôde ser seduzido?

Quando então, eu disse, de maneira resumida: *Como se a natureza humana não fosse capaz de um estado intermediário entre a sabedoria e a tolice*, eu tinha em mente as criancinhas que reconhecemos como maculadas pelo pecado original, mas que não podemos, propriamente, chamar de sábias ou tolas, já que não utilizam ainda seu livre arbítrio, nem para o bem e nem para o mal.

Quando eu disse que as pessoas ou são sábias ou são tolas, eu quis falar daquelas que usam sua razão, o que as distingue dos animais e faz com que sejam humanas.

É no mesmo sentido que dizemos que todas as pessoas querem ser felizes. De fato, quando dizemos isto __ que é tão verdadeiro e tão evidente __ tememos que não sejam incluídas as crianças, que não podem ainda ter uma vontade assim?

5

Em outro lugar, recordando o que o Senhor Jesus fez quando esteve neste mundo, eu acrescentei: *Por que, você perguntaria, essas coisas não são vistas mais?*[11]

[11] Cap. 34.

Eu respondi: *Por que elas não impressionariam se não fossem maravilhosas. Ora, se elas acontecessem habitualmente, elas não seriam maravilhosas*.

Eu quis dizer que essas coisas não acontecem mais de uma forma tão grandiosa e tão numerosa, não que elas não aconteçam mais absolutamente.

6

No fim do livro pode ser lido: *Mas esta conversa já se prolongou por muito mais tempo do que pensava. Vamos colocar um fim nela. Lembre-se, no entanto, eu te peço, que eu ainda não comecei a refutar os maniqueístas e nem a atacar seus devaneios e que eu ainda não mostrei nada da grandeza da própria Igreja Católica. Eu quis somente te mostrar, como me foi possível, a opinião falsa que, por maldade ou ignorância, lançaram contra os verdadeiros cristãos e te dar o gosto pelas coisas grandes e divinas. Por isso, terminemos aqui esta conversa. Quando sua mente estiver mais calma, talvez eu esteja mais disposto a continuar*[12].

Eu não quis dizer com isto que eu não tinha ainda nada escrito contra os maniqueístas ou que não tinha tratado de nada sobre a doutrina católica, já que muitos volumes anteriores provam que eu não mantive silêncio nem sobre uma coisa e nem sobre a outra. Mas, neste livro dedicado a Honorato, eu não tinha ainda começado a refutar o manique-

[12] Cap. 36.

ísmo, nem abordado suas tolices e nem revelado as grandezas da religião católica. Eu esperava, de fato, após este início, poder escrever a ele o que eu não tinha escrito neste livro.

Este livro começa assim: *Meu caro Honorato! Se o herético e aquele que acredita nos heréticos não fossem a mesma coisa, em minha opinião, eu não acreditaria que fosse necessário falar ou escrever sobre esta questão*.

Capítulo 1

Meu caro Honorato! Se o herético e aquele que acredita nos heréticos não fossem a mesma coisa, em minha opinião, eu não acreditaria que fosse necessário falar ou escrever sobre esta questão.

Mas é grande a diferença entre eles.

De fato, o herético é, em minha opinião, aquele que, com vistas a algum interesse temporal e, sobretudo, com o objetivo de glória e dominação, emite ou segue opiniões falsas e novas.

Pelo contrário, aquele que acredita nos heréticos é uma pessoa enganada por certas aparências de verdade e de piedade.

Estabelecido este ponto, não entendo ter que manter silêncio e nem deixar de te dizer minha opinião sobre a maneira de encontrar e manter a verdade. A verdade que foi __ desde nossa mais tenra juventude, como você disse __ o objetivo de nosso amor mais ardente. A verdade bem afastada das vãs preocupações humanas, que, muito ligadas à

esta vida material, imaginam que não existe mais nada além do que os cinco sentidos __ esses mensageiros comuns do corpo __ lhes mostram e que o espírito é perturbado pelas impressões e as imagens que ele recebe desses cinco sentidos, mesmo quando ele procura se livrar de sua influência.

É, no entanto, com esta regra funesta e mentirosa que eles acreditam medir muito fielmente as impenetráveis profundezas da verdade.

Nada é mais fácil, meu caro amigo, não apenas dizer, mas também pensar que se encontrou a verdade. Mas você verá com este texto __ eu espero __ o quanto, na realidade, isto é algo difícil. Eu já pedi e peço novamente a Deus que estas linhas lhes sejam úteis ou, pelo menos, que elas não prejudiquem você. Você e todos em geral em cujas mãos elas acabem caindo.

Espero que isso será assim; se minha consciência não me engana, ao me dizer que realizei esta obra com espírito de piedade e de caridade e não com o desejo de uma fama inútil e uma frívola ostentação.

Capítulo 2

Meu objetivo é provar a você, se eu puder, que aos maniqueus é um imprudente sacrilégio atacar aqueles que, de acordo com a autoridade da fé católica, acreditam, totalmente de acordo com a verdade, que uma alma pura vê o que ela ainda não é capaz de entender.

Você sabe, meu querido Honorato, que, se caímos nas armadilhas dos sectários, é unicamente por que, afastando-se de uma autoridade temível, eles dizem se servir da razão pura e simples para levar a Deus aqueles que se dispõem a ouvi-los e para livrá-los de toda espécie de erros.

De fato, qual foi o motivo que me fez, durante quase nove anos, desprezar a religião que meus pais me ensinaram em minha infância e seguir assiduamente as lições desses doutores? Não foi por que eles dizem que nos são inspirados terrores supersticiosos e que exigem de nós a fé antes da razão, enquanto que eles não obrigam ninguém a acreditar antes que a verdade seja claramente discutida e vista?

Que pessoa não seria atraída por tais promessas, sobretudo quando se é jovem, apaixonado pela verdade e, além disso, formado pelo orgulho e a verborragia das discussões ouvidas de alguns sábios na escola? Assim eu me encontrava naquela época e desprezando o que eu chamava de histórias de uma mãe idosa e desejoso de adquirir e possuir o que eles prometiam: a verdade clara e sem mistura.

Mas, por outro lado, que motivo me levou a não me prender inteiramente a eles, de sorte que eu permaneci, como eles dizem, como um ouvinte e não renunciei às esperanças e às coisas deste mundo? Não foi por que eu os considerei também __ com sua eloquência incansável __ mais hábeis a refutar as doutrinas dos outros do que em provar e afirmar as suas próprias?

Mas, para que falar de mim, agora que sou católico? Nessa fonte eu fui fortalecer com avidez meus lábios áridos e há muito tempo ressecados. Os seios fecundos da Igreja eu pressionei com choros e gemidos profundos, para retirar deles o leite necessário para afastar minha miséria e reanimar em mim e esperança da vida e da salvação.

Assim então, não falemos de mim. Por você, que ainda não é cristão, que, cedendo, não sem dificuldade, aos meus conselhos, ao mesmo tempo em que tinha por esses sectários uma aversão profunda, concordou em ir ouvi-los e ver o que eles são, recupere suas lembranças e diga-me, por favor, o que mais te chamou a atenção neles, se não foi uma grande presunção e uma facilidade extrema em prometer razões?

Você sabe a que longas e veementes discussões eles se dedicam sem parar sobre os erros dos ignorantes; o que é bem fácil, para o primeiro meio-sábio que chega, como eu reconheci um pouco tarde.

Se, ao mesmo tempo, eles nos infundem alguns de seus erros, acreditamos necessariamente ter que adotá-los, na falta de outras doutrinas mais satisfatórias. Assim, eles faziam conosco o que fazem os passarinheiros pérfidos, que colocam perto de uma fonte de água um galho envolvido em cola, para prender os pássaros que ali pousam. Em seguida eles escondem, com todos os meios possíveis, as outras fontes que, por ventura, existam nas proximidades. Ou então eles colocam ali espantalhos, que afastam suas vítimas e as obrigam, na falta de opção, a caírem em suas armadilhas.

Capítulo 3

Eu não poderia aqui dizer a mim mesmo que essas comparações floreadas, essas críticas engenhosas podem ser dirigidas, com muita elegância e espirituosidade, ao primeiro adversário que surgir e que se põe a ensinar? Mas, se eu achei necessário incluir nesta obra alguma fantasia desse gênero, foi para advertir esses faladores a não mais utilizarem tais recursos, para que, como disse Cícero[13], bagatelas de lugares comuns à parte, não se vejam somente dois fatos, duas causas, duas razões em luta um com o outro.

Assim, que eles não venham nos dizer __ como fazem geralmente, quando alguém os abandona, após terem por muito tempo tomado lições com eles __: "A luz se afastou dele".

Você vê, Honorato __ você que é tão caro ao meu coração, pois com eles eu não quero me preocupar muito __ o quanto essa pretensão é inútil e fácil de refutar. É por isso que eu deixo à sua sabedoria a incumbência de examiná-la.

Não temo que, aos seus olhos, eu tenha parecido nadar na luz, quando estive envolvido na vida do mundo, alimentando esperanças cheias de trevas sobre a beleza de uma esposa, sobre a pompa das riquezas, sobre a vaidade das honras, sobre todos os outros prazeres nocivos e perniciosos. Todos esses bens, como você sabe, enquanto eu

[13] CÍCERO. *Pro Caelio*, 9, 22.

seguia com ardor as lições desses heréticos, eram o objetivo contínuo de meus desejos e de minhas esperanças.

Não atribuo esse erro às lições deles; admito mesmo que eles tomam um grande cuidado para se manterem em guarda contra essas tentações. Mas, dizer que a luz se afastou de mim somente quando eu me desviei de todas essas sombras da realidade e quando resolvi me contentar somente com o alimento necessário à saúde de meu corpo, enquanto que essa luz me rodeava de brilho e de esplendor quando eu amava essas vaidades e que me mantinha preso em seus laços, é, para usar expressões bem suaves, procedimento de uma pessoa que examina com pouca atenção as coisas sobre as quais ama discorrer.

Mas, vamos ao nosso tema, se você bem o quiser.

Capítulo 4

Você sabe muito bem que é difamando a fé católica e sobretudo distorcendo e massacrando o Antigo Testamento, que os maniqueístas perturbam o espírito dos ignorantes. Estes seguramente não sabem até que ponto o conteúdo desses livros é aceitável e como o alimento que brota ali pode descer utilmente até às profundezas de nossas almas, por assim dizer, ainda carentes. Como há ali algumas passagens que podem ferir as mentes ignorantes e pouco atentas __ e o número delas é imenso __ essas passagens se prestam a acusações que a massa acolhe, enquanto que, por causa dos mistérios que ali estão contidos, é muito raro que

essa mesma massa aceita sua justificação. Ora, aqueles que __ em pequeno número __ são capazes de fazer essa apologia, não gostam muito das discussões animadas e retumbantes de um debate público. Por esta razão não são muito conhecidos por aqueles que não se dedicam ao tema.

Com relação à imprudência dos maniqueístas em difamar o Antigo Testamento e a fé católica, eis minha opinião. Eu desejo e espero te ver acolher minhas palavras com o mesmo espírito que me fez pronunciá-las. Deus, que lê nas profundezas de minha consciência, sabe que, neste diálogo, eu não incluo nenhuma má intenção, mas que eu digo as coisas como eu acredito que se deve entendê-las para provar a verdade, à qual somente eu há muito tempo decidi consagrar minha vida e que é minha única preocupação.

Que não seja dito que, após eu ter me afastado de você tão facilmente, eu não possa, pelo contrário, estar com você no caminho correto, mesmo que muito difícil, para falar o mínimo.

Mas eu conto que __ em minha esperança de vê-lo percorrer comigo o caminho da sabedoria __ Aquele ao qual eu me consagrei não me abandonará. Noite e dia eu me esforço para contemplá-lo e como __ por causa de minhas faltas e o efeito prolongado de meus velhos erros __ eu sinto minha inteligência enfraquecida e me vejo fraco, frequentemente eu rezo para ele em lágrimas.

Quando se esteve por muito tempo na obscuridade e nas trevas, os olhos se abrem com dificuldade e, mesmo desejando a luz, eles se desviam dela tremulantes e a rejeitam; sobretudo se é o sol que se procura mostrar-lhes. Esta é a minha imagem.

Eu não nego que há para a alma um bem inefável e supremo que a inteligência percebe e confesso, gemendo e chorando, que ainda sou incapaz de contemplá-lo.

Deus, no entanto, não me abandonará, se eu for sincero, se tomo a caridade como guia, se amo a verdade, se valorizo a amizade, se tenho a preocupação de não induzi-lo ao erro.

Capítulo 5

Para todo aquele que quer conhecer a fundo o que se chama de Antigo Testamento, há quatro maneiras de abordá-lo: sob o ponto de vista da história, da etiologia, da analogia e da alegoria.

Não creia que haja estranho no fato de eu utilizar termos gregos. Primeiramente, foi assim que esse tema me foi mostrado e eu não ouso seguir com você um método diferente. Em seguida, você observará que entre nós essas ideias não possuem termos usuais que as expressem. Se para traduzi-los eu criasse palavras, isso seria mais estranho ainda. Por outro lado, se eu utilizasse circunlóquios, eu ficaria menos à vontade para desenvolver meu tema.

Eu te pediria somente que acreditasse que, se eu pecar em algum ponto, não será por excesso e nem por afetação.

Capítulo 6

Todas essas formas de linguagem foram empregadas por Nosso Senhor Jesus Cristo e pelos apóstolos.

É no sentido histórico que se deve entender a resposta de Cristo à objeção de que, num dia de sábado, seus discípulos tinham arrancado espigas: *Não lestes o que fez Davi num dia em que teve fome, ele e seus companheiros, como entrou na casa de Deus e comeu os pães da proposição? Ora, nem a ele nem àqueles que o acompanhavam era permitido comer esses pães reservados só aos sacerdotes*[14].

Eis um outro relacionado com a etiologia. Tendo Cristo proibido que se rejeitasse a esposa, a não ser em caso de adultério, seus interlocutores replicaram que Moisés tinha permitido que se rejeitasse a esposa, concedendo-lhe por escrito a separação. *É por causa da dureza de vosso coração que Moisés havia tolerado o repúdio das mulheres; mas no começo não foi assim*[15]. Estas expressões mostram por que Moisés fez bem em seu tempo, ao conceder essa permissão e o preceito estabelecido por Cristo indicou que os tempos não eram mais os mesmos. Essas mudanças no tempo, essa ordem de coisas arranjada e organizada

[14] Mateus 12: 3 e 4.
[15] Mateus 18: 8.

por uma admirável disposição da divina Providência, exigiram desenvolvimentos muito longos.

Capítulo 7

7. Quanto à analogia que ressalta a concordância entre os dois Testamentos, eu diria que todos aqueles cuja autoridade os maniqueístas reconhecem se serviram dela e eles mesmos podem ver quantas coisas foram introduzidas __ como eles dizem __ nas santas escrituras, por não sei quais corruptores da verdade.

Esta afirmação sempre me pareceu __ mesmo quando eu era um dos seus discípulos __ sem nenhum fundamento. E não somente a mim, mas a você também, eu me lembro. E a todos aqueles que, como nós, tinham um cuidado um pouco maior na avaliação do que a massa de fiéis.

Agora que um grande número de questões que me atormentavam sobremaneira estão esclarecidas e resolvidas por mim __ por exemplo aquelas que mais alimentavam sua jactância e que eles desenvolveram com tanto entusiasmo e, na medida em que não tinham adversários, faziam com tanta segurança __ eu acho que é o cúmulo do cinismo ou, em termos mais suaves, de desatenção e fraqueza de espírito, ir dizer que as santas Escrituras são falsificadas, quando eles não podem provar esse fato com nenhuma prova, nos exemplares publicados numa época mais próxima de nós.

Se eles dissessem que não precisam aceitá-las inteiramente, por que são obra de pessoas que eles não acreditam ser escritores verídicos, isso seria definitivamente uma falha honesta ou um erro perdoável. Isso foi o que eles fizeram com relação ao livro intitulado Atos dos Apóstolos. Mas sua intenção, quando eu reflito sobre isso, me confunde inteiramente. O que eu espero aqui dessas pessoa é mais deferência e não propriamente sabedoria.

Este livro, de fato, apresenta tantas coisas semelhantes àquelas que eles acreditam que, em minha opinião, é muito estranho eles não aceitá-las; a não ser que digam que o que ali os incomoda foi interpolado ou é uma falsidade.

Ou, se sua linguagem é inconveniente __ como é, de fato __ por que eles atribuem valor às epístolas de Paulo e aos quatro evangelhos, onde são encontradas talvez muito mais coisas que não são encontradas nos Atos dos Apóstolos e coisas que eles querem considerar como interpolações de escritores corruptos?

Mas esta é minha opinião eu te peço que examine comigo a coisa, de forma tranquila e com toda a calma da reflexão.

Você sabe que os maniqueístas, querendo colocar seu mestre Maniqueu dentre os apóstolos, dizem que o Espírito Santo que o Senhor prometeu enviar aos seus discípulos veio a nós na própria pessoa de Maniqueu. Mas, ao admitir os Atos dos Apóstolos, onde a chegada do

Espírito Santo é claramente relatada[16], eles não saberiam provar que essa passagem é interpolada.

Eles sustentam que, antes do próprio Maniqueu, houve não sei quais corruptores dos livros santos que desejavam conciliar a fé dos judeus com o evangelho. Ora, eles não podem sustentar que a passagem concernente ao Espírito Santo é corrompida; a menos que eles afirmem que esses corruptores leram o futuro e inseriram em seus livros um fato que se invocaria mais tarde contra Maniqueu, quando este declarou que o Espírito Santo foi enviado em sua pessoa.

Mas, falaremos do Espírito Santo uma outra hora e com mais detalhes. No momento, retornemos ao nosso tema.

Capítulo 8

Já está suficientemente demonstrado, eu acho, que, sob os pontos de vista da história, da analogia e da etiologia, o Antigo Testamento está conforme com o Novo. Resta provar com relação à alegoria.

O próprio Senhor se serve no Evangelho de uma alegoria retirada do Antigo Testamento. Ele diz: *Esta geração adúltera e perversa pede um sinal, mas não lhe será dado outro sinal do que aquele do profeta Jonas: do mesmo modo que Jonas esteve três dias e três noites no ven-*

[16] Cf. Atos 2: 2-4.

tre do peixe, assim o Filho do Homem ficará três dias e três noites no seio da terra[17].

Citarei também o apóstolo Paulo, que mostra, em sua primeira epístola aos coríntios, que a própria história do Êxodo era uma alegoria do futuro povo cristão:

Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem e que todos atravessaram o mar; todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar; todos comeram do mesmo alimento espiritual; todos beberam da mesma bebida espiritual (pois todos bebiam da pedra espiritual que os seguia; e essa pedra era Cristo). Não obstante, a maioria deles desgostou a Deus, pois seus cadáveres cobriram o deserto. Estas coisas aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de não cobiçarmos coisas más, como eles as cobiçaram. Nem vos torneis idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo sentou-se para comer e para beber, e depois se levantou para se divertir (Ex 32,6). Nem nos entreguemos à impureza como alguns deles se entregaram, e morreram num só dia vinte e três mil. Nem tentemos o Senhor, como alguns deles o tentaram e pereceram mordidos pelas serpentes. Nem murmureis, como murmuraram alguns deles, e foram mortos pelo exterminador. Todas estas desgraças lhes aconteceram para

[17] Mateus 12: 39 e 40.

nosso exemplo; foram escritas para advertência nossa, para nós que tocamos o final dos tempos[18].

Há também nos apóstolos uma alegoria que convém perfeitamente ao meu tema, já que nossos próprios debatedores têm o hábito de apresentá-la em seus debates. O mesmo Paulo diz aos gálatas: *A Escritura diz que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O da escrava, filho da natureza; e o da livre, filho da promessa. Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão, é Agar. O monte Sinai está na Arábia. Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe*[19].

Capítulo 9

Aqui então essas pessoas perversas, querendo tornar a fé inútil, nos obrigam a justificar as Escrituras. Pois eles relevam cuidadosamente o que foi dito: que estão na escravidão os que vivem sob a Lei e terminam com estas palavras triunfantes: *Já estais separados de Cristo, vós que procurais a justificação pela lei. Decaístes da graça*[20].

Tudo isso é verdade, admitimos e essa Lei, só a declaramos necessária para aqueles aos quais a escravidão ainda é útil. O que a tornou

[18] 1 Coríntios 10: 1 – 11.
[19] Gálatas 4: 22-26.
[20] Gálatas 5: 4.

útil foi que as pessoas que a razão não podia afastar do pecado precisavam ser contidos por uma lei assim, ou seja, pela ameaça e pelo medo dos castigos que podem atingir os sentidos dos insensatos.

Cristo, ao nos livrar desses terrores, não condena essa lei. Ele só faz nos convidar a obedecer a seu amor e a não sermos escravos do medo da Lei. Isso é a própria graça; um benefício cuja origem celeste não compreendem aqueles que ainda desejam estar sob os jugos da Lei.

O apóstolo Paulo os chama justamente de infiéis, pois dessa servidão __ à qual estavam condenados em uma certa época, por uma justa disposição de Deus __ eles não acreditam estar livres agora por Nosso Senhor Jesus Cristo. Daí estas palavras do mesmo apóstolo: *Assim, a lei se nos tornou pedagogo encarregado de levar-nos a Cristo, para sermos justificados pela fé*[21].

Desta forma então, Deus deu aos seres humanos um condutor que eles deviam temer, para lhes dar em seguida um mestre que eles deviam amar.

No entanto, todos esses mandamentos da lei __ que não é mais permitido aos cristãos agora fazer uso, como o sábado, a circuncisão, os sacrifícios e outras coisas deste gênero __ possuem tantos mistérios, que toda pessoa pia compreende que não há nada de mais funesto do que tomá-los ao pé da letra, ou seja, palavra por palavra, tudo o que se

[21] Gálatas 3: 24.

encontra ali e nada também existe de mais saudável do que compreendê-los em espírito.

Daí, estas palavras: *A letra mata, mas o Espírito vivifica*[22] [23]. E estas outras palavras: *A inteligência deles permaneceu obscurecida. Ainda agora, quando leem o Antigo Testamento, esse mesmo véu permanece abaixado, porque é só em Cristo que ele deve ser levantado*[24].

De fato, o que é levantado por Jesus Cristo não é o Antigo Testamento, mas o véu que o cobre, de sorte que, através de Jesus Cristo se compreende e se vê, como que desnudado, o que sem Cristo está obscurecido e escondido. Assim, o mesmo apóstolo acrescenta logo em seguida: *Esse véu só será tirado quando se converterem ao Senhor*[25].

Não é dito "A Lei __ ou melhor, o Antigo Testamento __ desaparecerá". Assim então, não são esses livros que a graça divina suprimiu, como se contivessem coisas inúteis, mas o envoltório que cobria as coisas úteis.

Eis o que se pode dizer àqueles que dedicam um cuidado pio e não um espírito turbulento e maldoso à pesquisa do sentido dessas Escrituras: eles devem tocar com o dedo a ordem das coisas e os motivos dos atos e das palavras, bem como a conformidade entre o Antigo e o Novo Testamento __ conformidade tão grande que não há entre eles a menor diferença __ e o segredo de todas essas figuras, que, uma vez

[22] 2 Coríntios 3: 6.
[23] Cf. *Revisões*. Cap. XIV, seção 1.
[24] 2 Coríntios 3: 14.
[25] 2 Coríntios 3: 16.

explicadas e compreendidas, nos forçam a declarar que são bem infelizes aqueles que querem condenar antes de conhecê-las.

Capítulo 10

Mas, quero deixar de lado as alturas da ciência e agir com você como eu creio que devo agir com um amigo íntimo, ou seja, expor as coisas como eu puder e não como eu vi com admiração homens muito sábios fazendo.

Há três espécies de erros aos quais as pessoas estão sujeitas ao lerem. Falarei de cada uma delas. A primeira consiste em acreditar que seja verdadeiro o que é falso, quando o escritor pensou de forma diferente do que escreveu. A segunda, por ser menos comum, nem por isso é menos pernicioso. Ela consiste em acreditar que é verdadeiro o que é falso, acreditando, no entanto, naquilo que o próprio escritor acreditou. A terceira consiste em acreditar que é verdadeiro, em uma obra, o que não era assim no pensamento do escritor. Neste último caso, o erro talvez possa ser muito útil e mesmo, considerando bem, só há proveito a retirar de sua leitura.

Um caso da primeira espécie é, por exemplo, se fosse dito e acreditado que Radamanto, nos infernos, fez os mortos comparecerem diante dele para ouvi-los e julgá-los, por que se leu isso em um poema de Virgílio[26]. Há aqui um duplo erro, por que se acredita em uma coisa que

[26] *Eneida*, VI, 566-569.

não é crível e por que não se deve imaginar que o autor acreditou no que escreveu.

Pode-se dar, para o segundo caso, o seguinte exemplo. Por que Lucrécio disse que a alma é composta por átomos e que, após a morte, ela se dissolve nesses mesmos átomos e morre, um leitor acreditará que isso é verdadeiro e que deve acreditar no que foi escrito. Não é uma infelicidade menor se, sobre uma assunto tão importe, ele tomou como certo o que é falso, mesmo se Lucrécio, cuja obra o enganou, tenha essa opinião. De fato, para que serve a esse leitor estar certo do sentido do escritor, quando esse escritor que ele escolheu, ao invés de impedi-lo de cair no erro, o arrasta com ele?

Eis um caso da terceira espécie. Após ter lido alguma passagem das obras de Epicuro, onde ele glorifica a continência, afirma-se que este filósofo colocou o soberano bem na virtude e que, por causa disso, ele não é censurável. Em que prejudica esse novo leitor o erro de Epicuro, se este último acredita que o soberano bem dos seres humanos é o prazer dos sentidos, já que esse leitor não adotou essa máxima tão vergonhosa e tão funesta e que Epicuro só o agrada por que não lhe propõe uma opinião que não deve ser admitida? Este erro não apenas é perdoável, mas, geralmente mesmo, totalmente digno de uma pessoa.

Bem! Se alguém viesse me dizer que um dos meus amigos havia declarado, em presença de todo mundo, que, apesar de seus anos já avançados, ele ama a infância e a primeira idade a tal ponto que jurou

querer viver como naquela idade e isso me fosse provado de forma inegável, eu seria censurável por acreditar que esse amigo, ao falar assim, quis mostrar seu gosto pela inocência e seu afastamento dos prazeres a que se dedicam as pessoas e que isso o agradava muito mais ainda do que no passado, quando ele tolamente amava na vida das crianças uma certa liberdade para brincar e comer e uma ociosidade estéril?

Suponha que ele tenha morrido após eu ter sabido isto dele e eu não tenha podido lhe dirigir nenhuma questão para saber seu pensamento; quem seria perverso o suficiente para me culpar, se eu glorificasse a resolução de meu amigo, nos próprios termos que eu conheci?

Não é verdade que um justo apreciador das coisas não hesitaria mesmo em louvar minha maneira de ver e minha dedicação, ao ver que eu amava a inocência e preferia ter uma boa opinião de meu semelhante, em uma circunstância duvidosa onde não me era permitido avaliar de outra forma?

Capítulo 11

Sendo as coisas assim, você verá que, para as Escrituras, há as mesmas distinções a estabelecer.

De fato, podemos fazer as mesmas observações. Ou bem a obra é boa e a interpretação do leitor é má; ou bem a obra e a interpretação são ambas ruins; ou bem a interpretação é boa e o pensamento do escritor não o é.

Destas três coisas eu só tenho a desaprovar a primeira e me preocupa um pouco a última. Eu não posso censurar uma pessoa que, sem ter culpa, foi mal compreendido e nem ficar aborrecido que se leia um escritor que não viu a verdade, quando eu vejo que o leitor não é prejudicado com isso.

Um só caso desafia toda crítica e toda censura. É quando a obra é boa e interpretada em boa parte pelo leitor. No entanto, o caso também se divide em dois, pois ele não exclui radicalmente o erro. De fato, frequentemente acontece de o escritor pensar bem e o leitor pensar bem, mas, diferentemente do primeiro, às vezes ele pensa bem e às vezes nem tanto, embora sempre de forma útil.

Ora, quando nosso pensamento está conforme ao pensamento do escritor que lemos e esse pensamento é útil para a conduta da vida, então estamos plenamente na verdade e o erro não é mais possível.

Este caso se apresenta muito raramente, quando a leitura acontece sobre temas muito obscuros e, desta forma, um conhecimento nítido é, em minha opinião, impossível e tudo o que se pode fazer é acreditar.

De fato, o autor, estando ausente ou morto, sobre quais provas eu estabeleceria minha conclusão, de maneira a poder jurar que esta é a maneira de ver, já que, estivesse ele presente e interrogado, talvez houvesse muitas coisas que ele entenderia como um dever esconder, se não fosse uma má pessoa?

Para conhecer uma coisa, eu acho que pouco importa a qualidade do escritor. No entanto, faz-se muito bem acreditar como bom aquele que, em suas obras, levou em conta o interesse do gênero humano e a posteridade.

Capítulo 12

Eu gostaria então que nos dissessem em que categoria eles colocam o que eles chamam de erros da Igreja Católica. Se for no primeiro caso, a acusação é, seguramente, grave, mas ela é logo refutada, pois basta dizer que não entendemos as coisas como elas parecem, quando eles se voltam contra nós. Se for no segundo caso, o fato não é menos grave, mas nós os refutamos da mesma maneira. Se for no terceiro caso, não há nada a nos censurar.

Mas, examinemos agora as próprias Escrituras. O que eles reprovam nos livros chamados de Antigo Testamento? Será por que eles são bons, mas mal compreendidos por nós? Mas eles não admitem isso. Será por que eles não são bons e nem bem compreendidos? Mas a justificação empregada acima responde bem a esta afirmação. Eles dirão que, embora bem compreendidos por nós, nem por isso eles são menos ruins? Mas isso não é justificar os vivos com quem se debate e acusar outros, mortos há muito tempo e que não podem rebater?

Para mim, essas pessoas só escreveram coisas úteis e foram grandes e divinos. Creio que essa lei foi publicada e fundamentada na ordem

e na vontade de Deus. Pelo pouco que conheço das coisas desses livros, posso facilmente convencer dessa verdade, se for ouvido com um espírito calmo e sem teimosia. Farei isso quando encontrar em você uma atenção benevolente e um espírito bem disposto. Mas isso acontecerá quando eu puder. No momento, não basta para mim, de qualquer maneira que seja, não ter sido enganado?

Capítulo 13

Meu caro Honorato, eu atesto em minha consciência e no Deus que habita as almas puras, que nada é mais sábio __ em minha opinião __ mais casto e mais religioso do que todas as escrituras que a Igreja Católica conserva sob o nome de Antigo Testamento.

Isso te espanta, eu compreendo, pois não posso esconder que avaliamos de maneira bem diferente. Mas não há nada de mais imprudente (e que era o erro de nossa juventude) do que abandonar os intérpretes de todos esses livros (intérpretes que são capazes de conhecê-los bem e de explicá-los aos seus discípulos) e ir perguntar seu sentido a pessoas que, levadas não sei por qual motivo, declararam uma guerra encarniçada àqueles que são seus escritores e autores.

Quem algum dia acreditou que as obras de Aristóteles, onde ele trata de matérias abstratas e obscuras tinham que ser explicadas por um inimigo deste filósofo, só para falar de disciplinas nas quais o leitor pode falhar impiedosamente? Quem, enfim, pensou em ler ou em estu-

dar sob a direção de Epicuro o tratado de geometria de Arquimedes; tratado contra o qual aquele filósofo dissertava com muita teimosia, sem compreender nada dele, na medida em que eu posso acreditar?

Mas são tão fáceis de entender, esses tratados da Lei, sobre os quais os maniqueístas se jogam inutilmente, como se eles fossem acessíveis ao vulgo?

Para mim eles se parecem com uma certa mulher da qual eles zombam e que, incomodada por ver um maniqueísta decantar para ela o sol e lhe recomendar seu culto, toda ingênua em sua religião, se levantou com empolgação e, batendo os pés várias vezes no lugar aonde se projetavam através da janela os raios do sol, gritou: "Eis como eu piso teu sol e teu deus".

Gesto totalmente ridículo e bem feminino, quem pode negar? Mas não te parece que fazem o mesmo, aqueles que atacam com violência doutrinas que não compreendem, das quais não sabem nem a razão e nem o sentido exato; doutrinas simples em aparência, mas profundas e divinas para aqueles que as entendem? Eles despejam sobre elas a injúria e imaginam ter feito maravilhas, por que são aplaudidos pelos ignorantes.

Creia-me, tudo o que há nessas Escrituras é elevado e divino. Ali se encontra a verdade absoluta e a ciência mais adequada para alimentar a alma e reparar suas forças e essa ciência está colocada tão ao nosso alcance, que não há ninguém que não possa tirar dela o que lhe é neces-

sário, contanto que se aproxime dela com a devoção e a piedade que a verdadeira religião demanda.

Para provar isso a você, numerosas razões longamente desenvolvidas são necessárias. Devo primeiro levá-lo a não ter aversão para os próprios autores desses livros e, depois, a amá-los. Para isso devo empregar qualquer outro meio que não seja a exposição de suas máximas e de seus escritos.

Se detestamos Virgílio, ou então se, antes de compreendê-lo, a estima que nossos pais tiveram por ele não nos faz amá-lo, jamais encontraremos uma solução satisfatória para as inumeráveis questões que agitam e perturbam os pensadores. Teríamos dificuldade para escutar aquele que quisesse defender a honra do escritor. Nossa simpatia estaria com aqueles que quisessem mostrar por que Virgílio caiu no erro e no absurdo. Mas, hoje em dia, dos numerosos comentadores que, cada um segundo sua capacidade, procuram elucidar essas questões, os mais aplaudidos são aqueles que nos fazem descobrir o melhor do poeta. E esse poeta é considerado __ mesmo aos olhos daqueles que não o compreendem __ não somente como um escritor irreprovável, como também por não ter escrito nada que não seja digno de elogio. Assim, se sobre a menor questão o mestre permanece conciso e não tenha nada a responder, nós queremos mais é atribuir essa dificuldade a Virgílio. Se ele alega, em sua defesa, que esse grande escritor se enganou, seus dis-

cípulos terão dificuldade em permanecer junto a ele, mesmo já tendo lhe pagado as lições.

Que nós estejamos longe dessas disposições benevolentes por aqueles que tantos séculos testemunharam que o Espírito Santo falou através de suas bocas! Mas, jovens prodígios de inteligência que éramos, maravilhosos apreciadores de razões, sem mesmo percorrer essas obras, sem procurar mestres, sem perceber nossa obtusidade, sem demonstrar, por fim, a menor deferência por aqueles que quiseram que essas obras fossem em todo mundo, por muito tempo, lidas, observadas e estudadas. Não víamos nada neles que merecem ser crido. Enquanto que seus inimigos encarniçados nos seduziam com suas violências linguísticas e, nos prometendo falsamente satisfazer nossa razão, nos faziam acreditar e respeitar mil fábulas de sua invenção.

Capítulo 14

Agora, terminarei o que comecei. Mas, sem procurar expô-lo neste momento à fé católica, vou levá-lo a escrutar seus mistérios e, com isso, te mostrarei como aqueles que se interessam por sua alma podem esperar o favor divino de encontrar a verdade.

É sabido que aquele que busca a verdadeira religião já acredita na imortalidade da alma, a quem essa religião é útil ou então quer encontrar essa imortalidade na própria religião.

Toda religião tem a alma como causa, pois a natureza do corpo, qualquer que seja ela, não inspira cuidado e nem preocupação, sobretudo após a morte, àquele cuja alma tem em vista ser feliz. Desta forma, a religião, mesmo a mais verdadeira, se é que existe uma, foi estabelecida por causa da alma e somente da alma. Mas essa alma (veremos por qual motivo; o que é muito obscuro, confesso) comete erros e faltas, como nós vemos, até que ela atinja e possua a sabedoria e talvez essa sabedoria seja a verdadeira religião.

Isto é enviá-lo às fábulas? Eu o forcei a acreditar em alguma coisa sem motivo, por acaso? Eu digo que nossa alma, rodeada e envolvida por todos os lados por erros e ignorância, procura o caminho da verdade, se é que existe um. Se as coisas não se passam assim com você, perdoe-me minha linguagem e mostre-me sua sabedora, por favor. Mas, se você reconhece em você o que eu disse aqui, examinemos a verdade juntos.

Capítulo 15

Imagine você que, até agora, não ouvimos ninguém ainda nos falar de religião. Isto é para nós uma coisa nova, um assunto a examinar.

Sem dúvida que, se existe uma religião, é preciso procurar mestres que no-la ensinem. Suponha que nós os encontramos, mas eles não possuem as mesmas ideias e desejam nos atrair com opiniões diferentes, existindo alguns cuja fama, neste momento, brilha entre todos eles e

chama a atenção de quase todas as pessoas. É uma grande questão saber se estes últimos possuem a verdade. Mas, não é preciso primeiro conhecê-los, para que nosso erro __ bem natural, já que somos mortais __ pareça, enquanto durar, partilhado pelo gênero próprio humano?

Capítulo 16

Mas, você dirá, a verdade só encontrada com um pequeno número de pessoas. Você já sabe então o que ela é, se você sabe com quem ela está. Eu não te disse agora há pouco para procurá-la comigo, como se fôssemos iniciantes?

Segundo a própria natureza da verdade, você acha então que poucas pessoas a possuem, mas você não sabem quem elas são. Pois bem! Essas pessoas pouco numerosas que conhecem a verdade, não exercem sobre a multidão uma autoridade poderosa e não vemos dessa multidão sair um pequeno número de pessoas somente capazes de penetrar esses mistérios? Não vemos o quanto é pequeno o número daqueles que atingem a alta eloquência, mesmo que, em todo o mundo, as escolas de retórica sejam frequentadas por uma massa ruidosa de jovens?

Isso acontece por que, com medo da multidão de ignorantes, aqueles que querem se tornar bons oradores, acreditam dever estudar os discursos de Cecílio ou de Erúcio, muito mais do que os de Cícero?

Todos procuram as obras que a opinião de nossos pais consagraram. A massa dos ignorantes procura se instruir com as mesmas coisas

que o pequeno número de sábios acreditou dever aprender. Mas, muito poucos as compreendem, muito menos ainda as praticam e somente alguns se destacam. A verdadeira religião não seria algo assim?

A multidão dos ignorantes não frequenta as igrejas, sem que isso seja prova de algum deles seja profundamente versado nos mistérios da fé? No entanto, se aqueles que estudam a eloquência fossem tão pouco numerosos quanto as pessoas eloquentes, jamais nossos pais acreditariam dever nos confiar a tais mestres.

Assim então, já que a multidão que se compõe em grande parte de ignorantes nos convida a esses estudos e nos faz amar o que só pode ser partilhado por um pequeno número, por que, quando se trata da religião, não aceitar um motivo semelhante e desprezá-lo talvez, para grande prejuízo de nossa alma?

Se o pequeno número daqueles que praticam o culto a Deus em toda sua verdade e sinceridade, veem no entanto, suas opiniões partilhadas pela multidão, apesar das paixões que a arrasta e a obscuridade de sua inteligência __ não se deve duvidar disso __ eu te pergunto: o que poderíamos responder àquele que nos censurasse nossa superficialidade e nossa indolência e nos vissem tão pouco empenhados em escutar os doutores sobre as verdades que temos que conhecer de cor?

A multidão me reteve? Mas, por que, se, quando se trata de estudar as artes liberais, que mal são de alguma utilidade para a vida terrena ou de amealhar dinheiro ou de obter honras ou de adquirir e conservar

uma boa saúde ou de desfrutar, enfim, das delícias da vida, por que, quando todos se dedicam a cuidados tão raramente coroados de sucesso pleno, não se é perturbado pela multidão?

Capítulo 17

Mas nesses livros há absurdos. Quem diz isso? Os inimigos da I-greja, sem dúvida. Por qual motivo, por qual razão, pouco importa. Não se trata disso agora, basta que são inimigos. Ao lê-los eu pude julgar por mim mesmo.

Pois bem! Se você não entende nada da arte dos poetas, você não ousaria tocar em Terenciano Mauro sem a ajuda de um mestre. Recorre-se a Ásper, a Cornuto, a Donato e a muitos outros, para poder entender o principal desses poetas, cujas peças obtém o aplauso do teatro. Mas, quando se trata dos livros que, por mais caluniados que eles possam ser, nem por isso deixam de ser santos e repletos de coisas divinas, admiti-das por todo o gênero humano, você se joga sobre eles sem um guia e ousa emitir sobre eles uma opinião sem consultar um mestre? E se você encontra algumas coisas que parecem absurdas, você não reconhece sua incapacidade e a corrupção que este mundo provocou em sua alma e na de todos os insensatos e prefere atacar os livros que não poderiam ser compreendidos por pessoas de seu caráter?

Procure uma pessoa ao mesmo tempo pia e instruída ou que, segundo a opinião de um grande número, seja considerado como tal, suas lições possam te tornar melhor e sua ciência mais hábil.

Você não a encontra facilmente? Dê-se ao trabalho de procurá-la. Ela não existe no local onde você mora? Que motivo poderia motivá-lo a fazer uma viagem mais útil? Ela não é conhecida de forma alguma ou não existe somente no continente? Lance-se ao mar. Se você não a encontra na praia onde desembarcou, vá até os lugares onde se passaram, dizem, os acontecimentos contidos nesses livros. Não foi isso o que fizemos, meu caro Honorato?

No entanto, a essa religião, talvez sacrossanta (pois falo ainda como se isso fosse coisa duvidosa), cujo culto já invadiu o mundo inteiro, nós outros, crianças frágeis, lançamos sobre ela uma sentença de condenação.

Mas, se esses detalhes que, nessas mesmas Escrituras, parecem incomodar alguns ignorantes, foram colocados lá para que, ao se ler coisas que repugnam o bom senso de uma pessoa qualquer e, com mais forte razão, o de uma pessoa sábia e santa, nós procuramos, com muito mais cuidado, seu secreto significado.

Você não vê como se procura interpretar o melhor das Bucólicas, que um pastor grosseiro desdenhou e como se pretende que o jovem Aléxis, sobre o qual Platão considera ter feito um poema erótico, significa alguma coisa de grande, mas que escapa ao discernimento dos ig-

norantes? Queremos assim que um grande poeta tenha podido fazer entender, sem nenhuma impiedade, cantos licenciosos.

Capítulo 18

Mas, quem poderia realmente nos parar e impedir nossas pesquisas? Seria o texto de alguma lei ou o poder de nossos adversários ou um caráter vil dos sacerdotes ou uma fama enganosa ou a novidade da instituição ou um culto praticado em segredo? Nada de tudo isso. Todas as leis divinas e humanas permitem buscar a fé católica. Quanto conservá-la e a praticá-la, é uma coisa autorizada, pelo menos pela lei humana, se não se conhece ainda o que permite a lei divina quando se está no erro. Nossa fraqueza não tem nada que temer do inimigo.

Todavia, se, ao buscar a verdade e a salvação de nossa alma pelas vias mais seguras, não podemos chegar a ela, nem por isso devemos deixar de perseguir esse objetivo através de todos os perigos.

Todas as dignidades, todos os cargos se devotam com ardor a esse culto divino. O nome da religião é o que há de mais honrado e de mais impactante.

Quem impede de ver e examinar com um cuidado pio se essa religião é aquela que necessariamente poucas pessoas conhecem e guardam em toda sua pureza e mesmo que todos os povos manifestam por ela disposições favoráveis?

Capítulo 19

Sendo as coisas assim, suponho, como já disse, que buscamos pela primeira vez a religião que deve purificar e fortificar nossas almas. Sem nenhuma dúvida é preciso começar pela Igreja Católica.

De fato, os cristãos já são mais numerosos do que os judeus reunidos aos adoradores de ídolos. Ora, esses mesmos cristãos, mesmo que haja entre eles várias heresias, que todos os sectários pretendem ser católicos e atribuem a qualificação de heréticos a todos os que não pensam como eles; esses cristãos formam, numa opinião unânime, uma só Igreja. Essa Igreja, a considerar o mundo inteiro, é a mais numerosa e, como afirmam aqueles que a conhecem, possui uma verdade mais pura do que todas as outras.

Não se trata aqui da questão da verdade. O que basta para nossas buscas é que a única Igreja Católica é aquela a qual as outras seitas dão nomes diversos, enquanto que elas mesmas possuem cada uma uma designação própria que elas não ousam recusar. Pode-se ver por aí quando nenhuma influência age sobre nossos julgamentos, a qual igreja deve ser atribuída a designação de católica; objeto de ambição de todas.

Mas, para não entrar inutilmente em uma discussão muito longa e inútil, digamos que a Igreja Católica é certamente a única onde as leis humanas são também, de alguma maneira, leis cristãs.

Eu não quero tirar daí nenhuma conclusão prejudicial. Eu me limito a ver aí um ponto de partida muito favorável para nossas buscas.

Não é de se temer que o verdadeiro culto de Deus seja desprovido de toda força própria e precise ser sustentado por aqueles que ele deve, pelo contrário sustentar. Certamente que é uma felicidade muito grande se possa encontrar a verdade onde não há nenhum perigo, nem em buscá-la e nem em conservá-la. Se não se pode encontrá-la aqui, é preciso então, apesar de todos os perigos, ir buscá-la em outro lugar.

Capítulo 20

Estando as coisas assim estabelecidas __ e, em minha opinião, elas são tão justas que devo ganhar minha causa junto a você __ qualquer que seja meu adversário, eu vou te mostrar, na medida do possível, a estrada que eu percorri, quando buscava a verdadeira religião, no espírito que deve, como eu acabo de expor, presidir essa buscar.

Assim que eu deixei vocês e atravessei o mar, eu me senti hesitante, inseguro sobre o que eu devia acreditar e do que eu devia rejeitar. Essa hesitação aumentou dia a dia, desde o momento em que eu ouvi esse homem, cuja chegada nos fora prometida, você sabe, como a de um enviado dos céus, destinado a sanar todas as nossas dúvidas. Esse homem enfim, que, a parte uma certa eloquência, considerei tal qual os outros homens.

Eu me pus a refletir e a deliberar longamente, na Itália onde morava, me perguntando, não se eu permaneceria na seita em que eu me arrependia por ter entrado, mas de que maneira eu encontraria a verda-

de, pela qual, você sabe melhor do que ninguém, eu derramei muitos suspiros.

Frequentemente essa verdade me parecia não poder ser encontrada e, no tumulto de meus pensamentos, eu me sentia arrastado rumo à filosofia acadêmica.

Depois, voltando a considerar, com todas as minhas forças, o espírito humano, tão vivo, tão penetrante, tão perspicaz, eu me dizia que, se a verdade lhe permanecia escondida, era unicamente por que o meio de buscá-la permanecia escondido nela e que era preciso pedir esse próprio meio a alguma autoridade divina. Restava saber qual era essa autoridade, já que, nesse conflito de opiniões, todo mundo prometia mostrá-la.

Diante de mim então, se apresentava uma floresta de opiniões sem saída, na qual eu lamentava muito ter entrado. Naquele tempo, minha mente era atormentada sem descanso e sem trégua pelo desejo de encontrar a verdade. Nesse meio tempo, eu me afastava cada vez mais dos maniqueístas, que eu havia tomado a decisão de abandonar.

Nessa situação tão perigosa, só me restava suplicar, com lágrimas e uma voz lamentável, que a divina Providência me prestasse socorro. Era o que eu fazia assiduamente e, depois de umas conversas com o bispo de Milão, que me abalaram muito, eu resolvi, não sem qualquer esperança, estudar no próprio Antigo Testamento, muitas passagens que

nos haviam apresentado muito mal, como você sabe e que nos horrorizavam.

Resolvi, por fim, me tornar catecúmeno na igreja em que tinha sido educado pelos meus pais, até que eu pudesse encontrar o que eu desejava ou me convencer de que era preciso desistir de minhas buscas. Ele me encontrou assim em mim um discípulo bem preparado e muito dócil, o mestre que, naquela época, pôde me instruir.

Se então, você vê que sua alma esteve agitada por muito tempo como a minha e com preocupações semelhantes, se te parece que já foi sacudido o suficiente, se, enfim, você quer colocar um termo aos aborrecimentos deste tipo, siga o caminho da doutrina católica, que veio do próprio Jesus Cristo e dos apóstolos até nós e que passará de nós para as futuras gerações.

Capítulo 21

É uma coisa ridícula, você diria, já que todos alegam possuir essa doutrina e ensiná-la. Que todos os heréticos tenham essa pretensão eu não posso negar, mas, ao mesmo tempo eles prometem àqueles que querem seduzir, dar razão às coisas mais obscuras e, por causa disso, eles censuram principalmente o fato da Igreja Católica impor àqueles que chegam até ela a obrigação de acreditar, enquanto que eles alardeiam não impor o jugo da fé e de abrir, pelo contrário, as fontes da ciência.

O que se pode dizer, você pensará, que seja mais pertinente? Suas promessas não repousam em nada sólido. Eles só visam agradar a massa com a ajuda desta palavra: razão.

Naturalmente que a mente humana ama esse discurso e, sem considerar seu estado de força e saúde, quer viver como se estivesse bem, absorvendo um alimento que só convém aos fortes e ela corre para os venenos que lhe proporciona a mentira.

Para a verdadeira religião, a menos que se creia primeiro no que se vai admitir e compreender em seguida __ se se comportar bem e se mostrar digno dela, enfim, a menos que se submeta a alguma autoridade impositiva __ é impossível bem penetrar nela.

Capítulo 22

Mas, talvez você deseje ter aqui um motivo para convencê-lo de que a fé, antes da razão, deve te servir de mestre. A coisa é fácil se, no entanto, você mês escutar sem preconceito.

Mas, para maior comodidade, eu desejo que você responda às minhas perguntas e primeiro que me diga por que te parece que a fé deve ser afastada. Por que, você dirá, a própria credulidade, de onde vem a palavra crédulo, parece ser um erro, sem que empreguemos este termo em um sentido injurioso.

Assim como a suspeita é repreensível por que se suspeita de algo que não está demonstrado, muito mais repreensível é a pessoa crédula,

que só difere da pessoa que suspeita no fato de que uma hesita em admitir o que não conhece, enquanto que a outra não hesita.

Neste momento eu admito esta opinião e esta distinção. Mas você sabe também que a palavra *curioso* não é empregada sem uma pequena conotação reprovadora, enquanto que a palavra *estudioso* implica, pelo contrário, em uma ideia de elogio. Vejamos então, se você não se importa, a diferença que há também para você entre estes dois termos. Você responderá, sem dúvida, que, mesmo que seu comportamento com relação aos dois seja inspirado por um grande desejo de saber, no entanto, o *curioso* se ocupa de coisas que não lhe dizem respeito, enquanto que o *estudioso* se ocupa com coisas que lhe dizem respeito.

Um homem está evidentemente interessado na saúde de sua mulher e de seus filhos. Pois bem! Esse homem, estando em um país estrangeiro, pergunta ansioso a todos aqueles que chegam, como estão sua mulher e seus filhos. Seguramente ele é movido por um grande desejo de saber e, no entanto, não chamamos de estudioso esse homem que deseja vivamente saber e saber sobre coisas que o interessam em alto nível.

Você vê então que a definição da palavra *estudioso* não tem nada de sólido, já que toda pessoa estudiosa quer saber, é verdade, sobre coisas que dizem respeito a ela, mas nem todos que agem assim podem ser designados por este termo. Ele se aplica àquele que se ocupa ansiosamente do que pode alimentar nobremente e embelezar sua alma.

No entanto, chamamos alguém de estudioso sobretudo quando acrescentamos o seu objeto de estudo. Pode-se também chamar de estudioso dos seus aquele que só se interessa pelos seus. Todavia, se não acrescentamos um complemento, não acho que possamos chamá-lo de estudioso em geral.

Não diria que um homem desejoso de saber sobre o que fazem os seus é um estudioso, a menos que a alegria de saber uma boa notícia o faça desejar que ela se repita frequentemente. Mas o chamaria de estudante, se ele se coloca a questão apenas uma única vez.

Retornemos à palavra *curioso*. Diga-me se alguém que gosta de ouvir um conto que não lhe serve absolutamente para nada, ou seja, que não lhe diz respeito e isso sem que seja de uma maneira cansativa e frequente, mas muito raramente, muito tranquilamente, à mesa ou algum ambiente ou em alguma reunião, se ele te parece *curioso*? Eu não acho que sim, mas ele certamente pareceria estar atento para a coisa que ele gosta de ouvir.

A definição da palavra *curioso* deve então ser modificada também, da mesma maneira que a palavra *estudioso*. Veja se não são os mesmos termos empregados anteriormente. Não devemos então evitar chamar de suspeitoso aquele que tem alguma suspeita e de crédulo aquele que acredita algumas vezes em alguma coisa? Assim, da mesma forma como existe uma grande diferença entre uma pessoa que deseja alguma coisa e a pessoa geralmente desejosa, bem como a pessoa que se

ocupa de alguma coisa e a pessoa curiosa, há uma diferença muito grande entre a pessoa que acredita e a pessoa crédula.

Capítulo 23

Mas então, você dirá, vejamos agora se é preciso acreditar, quando se trata de religião, pois, se concordamos que acreditar e ser crédulo são duas coisas diferentes, não se segue que acreditar, quando se trata de religião, não seja censurável. Não se poderia dizer que acreditar e ser crédulo sejam ambos maus, como estar bêbado e ser bêbado? Quando se tem uma opinião assim, em minha opinião não se pode ter amigos. Se, com efeito, é vergonhoso acreditar em alguma coisa ou, bem ou mal, confiar em um amigo ou mesmo não confiar nele, eu não vejo como se pode chamá-lo de amigo, seja seu ou de qualquer outro. Aqui, talvez você diga: "Confesso que algumas vezes é preciso acreditar. Mas, mostre-me, com relação à religião, que não há vergonha em acreditar antes de saber".

Vou tentar, se puder. Eu te perguntaria então o que você acha mais censurável: ensinar religião a uma pessoa indigna ou acreditar no que dizem aqueles que a ensinam.

Talvez você não compreenda o que eu entendo por indigno. Eu chamo assim à pessoa que vem à religião com um coração dissimulado. Eu penso que você concordará comigo que é muito pior desvelar a uma pessoa assim os santos mistérios do que ter confiança em pessoas reli-

giosas que afirmam alguma coisa sobre a própria religião. De fato, seria ruim para você responder de outra forma.

Suponha agora que você tem diante de você uma pessoa que vai lhe ensinar a religião. De que maneira você provará para ela que vai escutá-la com sinceridade e que não há má fé em você e nem falsidade no que se trata de religião? Você dirá, com a mão no coração, que você é perfeitamente sincero e o afirmará com todas as forças das palavras; mas serão apenas palavras. Você não conseguirá abrir ao seu semelhante o fundo de sua alma, para que ele leia lá nos recantos mais íntimos. Mas, se ele diz a você: "Na verdade, eu vou acreditar; mas, não é mais justo que você acredite em mim, já que você vai receber de mim um benefício, se é verdade que eu possuo alguma coisa de verdadeiro?". Você não responderá que deve acreditar nele?

Capítulo 24

Mas, você dirá, não seria melhor que ele me desse a razão das coisas, para que, por todo lugar por onde essa razão me conduzisse, eu pudesse segui-la sem medo de me perder? É possível que sim, mas é muito difícil que você atinja o conhecimento de Deus através da razão.

Diga-me, com efeito, se você acredita que as pessoas sejam capazes de compreender os raciocínios pelos quais se conduz a mente humana à inteligência da divindade e se elas existem em um bom número ou somente muito poucas. Muito poucas, você dirá. E você acredita ser

uma delas? Você dirá que não é você que tem que responder esta pergunta.

Você vê então que aqui também cabe ao mestre acreditar em você e é o que ele faz, de fato. Lembre-se somente que ele já acreditou em você duas vezes, sem estar certo da sua veracidade e você, quando ele te fala de religião, não quer acreditar nele uma única vez!

Mas suponhamos que você vá com toda a sinceridade d'alma tomar lições de religião e esteja incluído no pequeno número de pessoas capazes de compreender os raciocínios pelos quais se chega ao conhecimento certo da natureza divina. As outras pessoas que não são dotadas de uma mente tão feliz deveriam ter recusada a entrada na religião ou serem conduzidas lentamente e por etapas até o fundo do santuário? Você percebe imediatamente o quanto esta última opção é mais religiosa.

De fato, nenhuma pessoa desejosa de algo tão importante deveria merecer, em sua opinião, ser abandonada ou rejeitada. Mas você não concorda que essa pessoa não acredita que vai atingir seu objetivo, se ela não recorre à prece e não se purifica através de um certo estilo de vida, submetendo-se a alguns preceitos elevados e necessários, não podendo assim compreender uma doutrina que é a verdade pura? Este é o seu pensamento, sem dúvida.

Pois bem! As outras pessoas __ na classe das quais eu quero incluir você e que podem, com uma razão infalível, compreender muito

facilmente os segredos divinos __ qual é o inconveniente para elas em seguir o caminho que seguem aqueles que começam por acreditar? Nenhum, certamente.

No entanto, você questionará, por que retardá-las? Por que, se seu comportamento não lhes prejudica em nada, seu exemplo não deixaria de prejudicar a outros. Muito poucas pessoas são capazes de perceber realmente do que são capazes. O medroso precisa ser impulsionado e o presunçoso contido, para que um não sucumba ao desespero e o outro não seja levado pela imprudência. Isto é fácil de ser obtido se aqueles que podem voar forem obrigados __ para não serem um estimulante perigoso __ a caminhar algum tempo pela via que oferece aos outros uma segurança plena.

Esta é a previdência da verdadeira religião. Esta é a ordem da divindade. Esta é a tradição da bem-aventurada antiguidade e que foi conservada até nós. Querer incluir aí a perturbação e a desordem é simplesmente buscar uma via sacrílega para chegar à verdadeira religião. Aqueles que agem assim não podem atingir seu objetivo, mesmo quando se concorda com suas pretensões. Que eles tenham de fato o gênio mais elevado; se Deus não os apoia, eles rastejam pelo chão.

Ora, Deus nos apoia quando, ao buscar conhecê-lo, não perdemos de vista a sociedade humana. Não há, para penetrar os segredos do céu, um meio mais seguro do que este. Por mim, não tenho nenhum reparo a fazer a esta razão.

Como dizer, de fato, que jamais se deve acreditar sem conhecer, já que, a menos que se acredite em alguma coisa que não pode ser demonstrado de uma maneira positiva, não há amizade possível e que frequentemente os senhores dão fé às histórias de seus escravos, sem descrédito algum para eles? Ora, quando se trata de religião, o que há de estranho quando vemos os sacerdotes do Senhor acreditarem em nós, quando lhes prometemos escutá-los sinceramente, ao mesmo tempo em que nós não queremos acreditar no que eles nos ensinam?

Por fim, há uma via mais saudável do que se colocar em condições de compreender a verdade, dando fé às coisas que a vontade divina estabeleceu para preparar e predispor nossa alma? Ou então, se já estamos perfeitamente preparados para compreender a verdade, avançar algum tempo sobre uma via perfeitamente segura, invés de sermos para nós mesmos uma causa de perigo e para os outros um exemplo de imprudência?

Capítulo 25

Resta considerar por que motivo não devem ser seguidos aqueles que prometem nos conduzir pela razão.

Já dissemos como se pode, sem ser censurável, seguir aqueles que nos ordenam acreditar. Quanto aos defensores da razão, algumas pessoas pensam que ir até eles, longe de merecer reprovações, é uma ação louvável.

Mas isto é um erro. Há na religião dois tipos de pessoas dignas de elogios. Um deles são aquelas pessoas que já encontraram a verdade e estas, é preciso considerar como muito felizes. O outro tipo é o daquelas pessoas que a procuram com muito ardor e lealdade. Os primeiros já estão de posse da verdade e os outros somente estão no caminho, mas com a certeza de chegar até ela[27].

O resto das pessoas forma três classes merecedoras da reprovação e do anátema. Uma delas são as pessoas que só tem opiniões, ou seja, que acreditam saber o que não sabem. A segunda compreende aqueles que sentem, é verdade, que não sabem, mas que não procuram os meios de saber. A terceira classe é composta por aqueles que, sem fingir que sabem, não querem saber.

Há, da mesma forma, na mente humana, três fatos análogos e bem dignos de serem observados. São eles: compreender, acreditar e pensar. Considerados propriamente, o primeiro jamais é censurável; o segundo, algumas vezes o é; o terceiro o é sempre.

De fato, é uma felicidade muito grande compreender as coisas grandes, honestas e divinas[28]. Compreender coisas supérfluas, não prejudica em nada; somente se erra, talvez, ao aprendê-las, por se sacrifica a elas estudos necessários. Para as coisas nocivas, não é uma infelicidade compreendê-las, mas praticá-las ou sofrê-las.

[27] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIV, seção 2.
[28] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIV, seção 2.

Se uma pessoa sabe como seus inimigos podem ser mortos sem perigo, não é o fato de saber isso, mas o desejo de fazê-lo que o torna culpado. Se a pessoa não tem esse desejo, o que há de mais inocente do que isso?

Quanto ao fato de acreditar, ele é condenável quando se acredita sobre Deus alguma coisa que lhe é indigna ou que se acredita sobre o ser humano superficialmente. Em todo o resto, não se é condenável por acreditar em alguma coisa, se se sabe que não se conhece essa coisa. Creio, por exemplo, que celerados conjurados contra Roma pereceram outrora, graças à coragem de Cícero. Ora, não apenas eu não sei isso, como sei positivamente que me é impossível sabê-lo.

Quanto a ter opiniões, por dois motivos isso é uma coisa muito censurável, por que não se pode aprender quando se está convencido de que já se sabe e a coisa pode, no entanto, ser aprendida. Por isso mesmo, a superficialidade é sinal de um espírito mal formado.

Uma pessoa pode muito bem acreditar que sabe a citação que eu acabei de fazer de Cícero e, de resto, nada a impede de aprender esta citação, mesmo que seja impossível constatar sua veracidade científica. Como ela não compreende que há uma grande diferença entre conhecer uma coisa através de um processo preciso da inteligência __ que é o que nós chamamos de aprender __ e confiar utilmente na fama e nos textos pelos quais a coisa foi conhecida pela posteridade, essa pessoa certamente se engana e não há um erro que não mereça uma censura.

Assim então, o que nós sabemos, devemos à razão; o que acreditamos, à autoridade[29]; o que imaginamos, ao erro. Toda pessoa que compreende, acredita. O mesmo se dá com quem imagina uma coisa. Ao mesmo tempo, a pessoa que acredita, nem sempre compreende e aquela que imagina uma coisa, não compreende jamais.

Se então reprovamos três coisas nas cinco espécies de pessoas que mencionamos acima, sendo que as duas primeiras merecem elogios, enquanto que as três outras são censuráveis, encontramos que a primeira espécie __ as pessoas felizes __ acreditam na verdade e a segunda espécie, composta pelas pessoas desejosas e amadoras da verdade, acreditam na autoridade. Nestas duas espécies de pessoas, a crença é louvável.

Na primeira classe de pessoas, que é composta por aquelas que imaginam saber o que não sabem, há certamente uma credulidade repreensível. As duas outras classes que merecem a reprovação não acreditam em nada. Elas são aquelas pessoas que procuram a verdade sem a esperança de encontrá-la e aquelas que não a procuram de forma alguma. Trata-se aqui de coisas que tenham relação com alguma ciência, pois, em tudo o mais, não vejo como uma pessoa não poderia acreditar em nada.

Por fim, aqueles que, em seus atos, dizem que só admitem probabilidades, querem mais é dizer que não podem saber nada do que não

[29] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIV, seção 3.

acreditar em nada. Quem, de fato, não acredita naquilo que aprova? Ou, como admite se não aprova? É possível isso?

Assim então, podemos enumerar duas espécies de adversários da verdade. Uma é composta por aqueles que atacam a ciência somente e não a fé. A outra é composta por aqueles que condenam as duas coisas. Estes últimos talvez possam ser encontrados na vida humana; eu o ignoro ainda.

Se eu entrei nestes detalhes todos, foi para que víssemos que, com a fé, mesmo com as coisas que não compreendemos ainda, escapamos da superficialidade dos céticos. Aqueles que dizem que só devemos acreditar naquilo que sabemos, só pensam em evitar a qualificação de céticos. Esta qualificação é triste e vergonhosa, é preciso admitir. Mas, se eles considerarem atentamente que há uma grande diferença entre pensar que se sabe e acreditar com fé em alguma autoridade naquilo que vemos que não sabemos, eles evitariam certamente toda condenação de erro, arrogância e orgulho.

Capítulo 26

Eu lhe pergunto então: se não se deve acreditar naquilo que não se conhece, como as crianças se submeterão aos seus pais e como retribuirão afeto por afeto às pessoas que elas não acreditam ser os autores de seus dias? Pois isto é algo que a razão é impotente para mostrar. No que diz respeito ao pai, acredita-se palavra e na autoridade da mães. Com

relação à mãe, reporta-se não ao seu testemunho, mas no das parteiras, das amas de leite, das criadas. Pois aquela de quem se pode roubar o filho para substituir por outro, não pode, sendo enganada, enganar, por sua vez? Acreditamos, no entanto, em suas palavras e acreditamos sem nenhuma hesitação, por que admitimos que não podemos saber. Sem isso, não veríamos a piedade filial, esse laço sagrado da sociedade, desdenhado e ultrajado pelo crime?

De fato, qual é a pessoa tão insensata para achar censurável aquele que presta os deveres de costume às pessoas que ele acredita ser seus pais, mesmo que não o sejam. Quem, pelo contrário, não consideraria digno de extermínio aquele que não tivesse o menor amor por aqueles que talvez sejam seu pais verdadeiros, por que teme que seu amor seja para as pessoas erradas?

Pode-se dar muitas razões para provar que absolutamente nada na sociedade ficaria de pé, se decidíssemos não acreditar em nada, por que não podemos ter um conhecimento exato das coisas.

Capítulo 27

Eis agora uma coisa que eu acho que vai convencê-lo mais facilmente.

Quando se trata de religião, ou seja, do culto e da inteligência da divindade, não se pode seguir aqueles que nos proíbem de acreditar e nos prometem muito facilmente a razão das coisas.

Ninguém ignora que há entre nós pessoas insensatas e pessoas sábias[30]. Eu chamo de sábios, não aqueles que são engenhosos e hábeis, mas aqueles que possuem __ na medida em que isso seja possível ao ser humano __ um conhecimento correto e nítido do próprio ser humano e de Deus e cuja vida e costumes estão conformes com esse conhecimento. Todos os demais, pelo contrário __ qualquer que seja sua maneira de viver: ativa ou ociosa, louvável ou censurável __ eu os considero como insensatos.

Colocadas as coisas desta forma, qual é a pessoa tão pouco inteligente para não ver claramente que é mais útil e salutar para os insensatos se conformarem aos preceitos dos sábios do que viver segundo suas próprias luzes? Pois toda ação que não é boa é um pecado e é impossível que o que não vem da razão correta seja bom. Ora, a razão correta é a própria virtude e em qual pessoa se encontrará a virtude, se não é na alma do sábio?

Assim então, só o sábio não peca e, por consequência, todo insensato peca, se em seus atos ele não obedece ao sábio, pois os atos deste gênero vem da razão correta e o insensato não deve ser considerado como o senhor de sua ação, se eu posso falar assim, quando ele é como que o instrumento e servidor do sábio.

[30] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIV, seção 4.

Por consequência, se para todas as pessoas mais vale não pecar do que pecar, todos os insensatos viveriam melhor se eles puderem ser os servidores dos sábios.

Se este ponto é, sem contradição, de uma grande utilidade quando se trata de coisas menos importantes __ como comprar ou cultivar um campo, se casar, ter e criar filhos, enfim, administrar sua vida __ quanto mais ele não é útil quando se trata de religião? Pois as coisas humanas são mais fáceis de conhecer do que as coisas divinas e em todas aquelas que possuem um caráter mais pronunciado de santidade e de grandeza, o pecado é tão mais criminoso e tão mais temível, que devemos ter por elas mais deferência e respeito.

Você percebe então imediatamente o tanto que somos insensatos quando não temos no coração a intenção de levar uma vida pura e religiosa e só nos resta então uma coisa, que é procurar os sábios, cujos conselhos podem nos servir para sentir vivamente o jugo de nossa tolice, quando ela pesa sobre nós e para nos ajudar a nos livrarmos dela um dia.

Capítulo 28

Aqui também se apresenta uma questão muito difícil. De que maneira, de fato, poderemos, nós insensatos, descobrir o sábio, já que este adjetivo, que quase ninguém ousa se atribuir abertamente, é reivindicado, no entanto, por muitas pessoas, de maneira indireta e que, sobre as

próprias coisas cujo conhecimento constitui a sabedoria, essas pessoas divergem tanto entre elas que, necessariamente, nenhuma delas é sábia ou só uma delas é. Mas, quando o insensato quer saber qual é o sábio, não vejo de que forma ele poderá distingui-lo e reconhecê-lo, pois, através de sinais, quaisquer que eles sejam, não se pode reconhecer uma coisa, se não se conhece a própria coisa cujos sinais são sua marca. Ora, o insensato não conhece a sabedoria. Com relação ao ouro, à prata e outras coisas deste gênero, que são reconhecíveis à visão sem, no entanto, possuí-las, eu entendo. Mas, com relação à sabedoria e à inteligência, quem for desprovido delas não pode vê-las.

Tudo o que percebemos com a ajuda dos sentidos, se apresenta a nós exteriormente. É por isso que podemos ver bem, com nossos olhos, objetos que nos são estranhos, mesmo que nenhum desses objetos ou objetos do mesmo gênero não nos pertençam. Mas o que é percebido pelo intelecto está dentro de nós mesmos e aqui ver e ter são uma coisa só. Ora, o insensato é desprovido de sabedoria e, portanto, ele não conhece a sabedoria. Por consequência, ele não poderia vê-la com seus olhos, já que ele não pode vê-la sem possuí-la e nem possuí-la e ser um insensato. Ele não a conhece então e, não a conhecendo, ele não pode reconhecê-la nos outros. Na medida em que se é insensato, não se pode descobrir, de uma maneira precisa, um sábio, cujos conselhos podem nos livrar do triste mal da tolice.

Capítulo 29

A essa dificuldade tão temível, já que se trata de religião, só Deus pode propiciar um remédio. Se não acreditamos que ele existe e nem que vem em auxílio aos intelectos humanos, não devemos nem mesmo procurar saber o que é a verdadeira religião. Pois, enfim, qual é o objeto que desejamos estudar com tanto ardor? Qual é o objetivo que visamos? Onde queremos chegar? A alguma coisa que não acreditamos existir ou que não nos diz respeito? Nada é mais absurdo do que um pensamento assim.

Ao mesmo tempo em que você não ousaria me pedir um favor ou só o faria constrangido, você vem me pedir que te mostre a religião, quando você não acredita que Deus exista ou que, se ele existe, que ele se ocupe conosco?

E se a questão é tão grande, que exige, para ser resolvida, todo empenho e todas as forças de nossa inteligência? E se a busca dessa religião é, por causa mesmo de suas dificuldades, um exercício que prepara a mente para compreender o que irá descobrir?

O que há de mais agradável e mais familiar aos nossos olhos do que a luz do dia? No entanto, não se pode suportá-la ou experimentá-la quando se ficou muito tempo nas trevas.

O que mais convém ao corpo esgotado pela doença do que comer e beber? No entanto, colocamos um freio no apetite dos convalescentes, preocupados que eles se arrisquem a imitar as pessoas de boa saúde e

que, por causa do esforço de comer, eles retornem à doença da qual se curaram. Eu falo dos convalescentes, mas não obrigamos os próprios doentes a tomarem algum remédio? Seguramente esses doentes não se submeteriam ao que exigimos deles, quando isso lhes é repugnante, se eles não acreditassem que, com isso, se curariam.

Como então você se dedicaria a uma busca tão cansativa e tão penosa? Como você se imporia cuidados e uma aplicação proporcional à grandeza do objetivo, se você não acredita na existência do que você procura?

Assim, é com razão que essa doutrina tão majestosa da Igreja Católica estabeleceu que, para chegar à religião, é preciso antes de tudo ter fé.

Capítulo 30

Desta forma, aquele herético (pois falamos aqui daqueles que querem ser chamados de cristãos), qual razão ele me dará, se eu o pedir? Que meios ele empregará para me convencer de que acreditar é uma temeridade?

Se ele quer que eu não acredite em nada, então eu não acreditaria que essa verdadeira religião exista nas coisas humanas e, não acreditando que ela exista, eu não a buscarei. Mas ele, sem dúvida, vai me mostrar, pois está escrito: *Quem busca, acha*[31].

[31] Mateus 7: 8.

Foi preciso mesmo que eu acreditasse em alguma coisa, para ir procurar esse homem que me proíbe de acreditar. Não é uma tolice muito grande a desse homem ao qual eu desagrado somente por causa de minha fé e que não é apoiada em nenhuma ciência, quando foi somente minha fé que me conduziu até ele?

Capítulo 31

Acrescente-se que os heréticos nos estimulam a acreditar em Jesus Cristo. Pode haver contradição maior?

Há aqui duas razões para apresentar contra eles. Primeiramente peçamos que eles expliquem essa razão que eles prometem, a imprudência que eles reprovam em nós e essa confiança que eles têm em sua ciência.

Se, de fato, é vergonhoso acreditar em alguma coisa sem razão, por que você espera, por que você exige que eu creia em alguma coisa sem razão? É para ser mais facilmente conduzido por ser raciocínio? Sua argumentação construirá alguma coisa de sólida sobre o fundamento de minha imprudência?

Eu falo como esses sectários, aos quais nossa fé desagrada. Pois, para mim, acreditar antes de raciocinar, quando não se é capaz de compreender o raciocínio e preparar pela própria fé sua alma para receber as sementes da verdade, é uma coisa não apenas muito saudável, mas tão necessário que, sem isso, as almas doentes não podem recobrar a saúde.

Quando eles acham esse comportamento ridículo e totalmente imprudente, certamente eles agem de uma maneira estranha, ao nos fazerem acreditar em Cristo. Depois, confesso que eu já acreditava em Cristo e estava convencido da verdade do que ele disse, mesmo que essa verdade não estivesse apoiada em nenhuma razão.

Primeiramente, é herético o que você quer me ensinar?

Permita um instante que eu considere comigo mesmo (já que eu não vi o Cristo, da maneira que ele quis aparecer aos humanos; o Cristo que se diz ter sido visto pelos olhos da multidão), que eu considere, repito, sob a autoridade de quem eu acreditei em Jesus Cristo antes de ir __ munido assim somente com a fé __ ir tomar suas lições. Vejo que eu acreditei somente na opinião confirmada das nações e dos povos e em uma tradição extremamente difundida. Vejo que esses povos adotaram em toda parte os mistérios da Igreja Católica. Por que então, quando quero saber o que Cristo prescreveu, eu não irei me dirigir preferencialmente às pessoas sob a autoridade das quais eu já havia acreditado que Cristo havia deixado úteis preceitos? Você me explicaria melhor a doutrina desse Salvador, em cuja existência passada ou presente eu não acreditaria se, não sendo você, me recomendassem que eu não acreditasse?

O que me fez acreditar em Jesus Cristo, repito, foi a tradição. Tradição que o grande número de testemunhos, sua unanimidade, sua antiguidade confirmaram.

Vocês, pelo contrário, que são em um número tão pequeno, estão tão pouco de acordo e de um tempo tão recente, vocês não têm, segundo a opinião de todos, nada que em que possam estabelecer sua autoridade.

O que significa então essa linguagem estranha de vocês? Acredite, diz o sectário, nos católicos que te dizem que é preciso acreditar em Cristo, mas aprenda conosco o que ele disse? Por que, eu te pergunto? Pois, se aos católicos falta tudo ou se eles não podem me ensinar nada, eu estaria muito mais disposto a não acreditar em Cristo do que ir buscar ensinamentos sobre ele longe daqueles que me fizeram acreditar em sua existência. Que presunção, ou melhor, que demência!

Eu te ensino, diz o herético, o que ordenou o Cristo no qual você acredita. E se eu não acreditasse nele? O que você poderia me falar sobre isso?

Mas é preciso que você acredite nele, ele diz. É você que vai me ensinar a acreditar? Não, ele responde, pois só fazemos conduzir pela razão aqueles que acreditam nele.

Por que então eu acreditaria nele? Por que é a tradição acreditada.

Acreditada por vocês ou pelos outros? Pelos outros, ele responde.

Devo acreditar então nestes últimos, para que você me ensine em seguida? Eu deveria fazê-lo; é possível. Mas eles me recomendam insistentemente que eu evite ir até você, dizendo que vocês possuem doutrinas perversas.

Você responderá: eles mentem. Como então eu acreditaria, quando se trata do Cristo que eles não viram e eu não acreditaria, quando se trata de você que eles não querem ver?

Creia nas Escrituras, ele diz. Mas toda doutrina escrita, se é nova, desconhecida até então, apoiada somente por um pequeno número de autoridades e se não é confirmada por nenhuma razão, não é a ela que se dá crença, mas aos que a produziram. Por isso, se foram vocês que produziram essas Escrituras; vocês que são tão poucos e tão desconhecidos, não me agrada acreditar nelas. Além disso, aqui você vai contra sua promessa, já que exige a crença que você não dá às coisas.

Você me levará novamente à multidão e à tradição. Deixe então de teimosia e acabe com essa mania incontrolável de empregar sem parar esse termo. Recomende-me invés disso que eu interrogue os corifeus dessa multidão e os interrogue com cuidado e com rapidez, par que eu conheça logo através deles alguma coisa dessas Escrituras, pois, sem eles, eu não poderia saber que é preciso conhecê-las.

Quanto a você, volte para sua obscuridade e não disfarce seus embustes sob a aparência da verdade que você procura retirar daqueles aos quais você mesmo reconhece autoridade.

Capítulo 32

Se eles dizem que não se deve nem mesmo acreditar em Cristo sem uma razão irrefutável, então eles não são mais cristãos. Esta é a

censura que nos fazem alguns pagãos, erradamente, sem dúvida, mas nisso eles não estão em desacordo com eles mesmos.

Como dizer que eles se reconhecem como pertencentes a Cristo, se afirmam que, a menos que se tenha recebido a prova muito clara de existência de Deus, os insensatos não são obrigados a acreditar?

Mas vemos nos Evangelhos __ que eles mesmos dão fé __ como Cristo nos ensina que ele queria antes e acima de tudo que se acreditasse nele, quando aqueles com os quais se relacionava não estavam ainda em condições de compreender os mistérios divinos. Há, com efeito, outro sentido a dar a tantos milagres impressionantes, quando ele mesmo diz que só fazia aqueles milagres para que confiassem nele?

Ele guiava os tolos pela fé; vocês os guiam pela razão. Ele pedia claramente que se acreditasse nele; vocês lhes pedem o contrário. Ele louvava as pessoas de fé; vocês as desacreditam. Ele teria transformado a água em vinho[32] __ só para citar este exemplo __ se ele pudesse, com seu ensinamento apenas e sem recorrer a atos deste tipo, arrastar as pessoas atrás dele? Não devemos dar valor a estas palavras: *Credes em Deus, crede também em mim*[33]? Também devemos acusar de imprudente o homem que não quis que Cristo entrasse em sua casa, acreditando que, com uma palavra somente, a doença de seu criado desapareceria[34]?

[32] João 2: 7-9.
[33] João 14: 1.
[34] Mateus 8: 8.

Desta forma, Cristo, trazendo o remédio que deveria curar a pavorosa corrupção dos costumes, conciliou sua autoridade com os milagres. Ele mereceu a confiança com sua autoridade e reuniu através da fé as multidões. Através dessa multidão ele obteve a durabilidade. A durabilidade consolidou sua religião, de sorte que, não somente as inovações estranhas dos heréticos, ajudadas por sua perfídia, mas até mesmo os erros visíveis dos povos em luta violenta contra essa religião, não puderam fazê-la em pedaços.

Capítulo 33

Não sou capaz de te ensinar, mas posso, pelo menos, te dar conselhos.

Assim então, como muita gente quer que sejam consideradas sábias e não é fácil saber se são, pelo contrário, tolas, eu pedirei a você que incessantemente rogue a Deus com todas as suas forças, com toda sua vontade e até mesmo com gemidos e choros, que, se for possível, que ele te livre do mal do erro, se você quer viver feliz.

Você atingirá mais facilmente esse objetivo se você obedecer docilmente aos seus preceitos. Os preceitos que ele quis confirmar à alta autoridade da Igreja Católica.

Como o sábio está unido mentalmente com Deus, de maneira que não há nada entre eles que os separe __ pois Deus, de fato é a verdade e só se pode ser sábio na medida em que se atinge a verdade através do

intelecto __ não podemos negar que entre a tolice humana e a verdade divina e sem mistura, existe um intermediário que é a sabedoria humana.

O sábio, de fato, imita Deus, na medida em que lhe é dado fazê-lo. O tolo, pelo contrário, não tem nada de mais saudável e próximo a ele para imitar do que o sábio.

Deus, como já dissemos, não sendo fácil de compreender através da razão, precisou fazer com que os olhos dos tolos __ utilizados por eles mais facilmente do que o intelecto __ fossem atingidos por alguns milagres, para que os humanos, impressionados por essa autoridade, purificassem suas vidas e seus costumes e se tornassem assim adequados para receber a razão.

Como se tratava então de imitar um humano, sem colocar sua esperança em um humano, que prova maior poderíamos receber da bondade e da generosidade celeste, do que ver a própria Sabedoria de Deus __ essa Sabedoria pura, eterna, imutável __ condescender em tomar a forma humana, não somente para executar ações que deveriam nos fazer seguir Deus, mas também para sofrer torturas que nos fariam desistir de seguir Deus?

Como só de pode atingir o bem absoluto e certo, amando com um amor total e perfeito __ o que é coisa impossível, na medida em que se teme os males físicos e os golpes do acaso __ Cristo, através de seu

nascimento maravilhoso e sua vida de trabalho, conciliou-se com o afeto e, com sua morte e ressurreição, ele dissipou nossos medos.

Em todas as outras circunstâncias, que seria muito longo enumerar, ele se conduziu de maneira a nos fazer compreender até onde pode ser levada a clemência divina e até onde pode ir a fraqueza humana.

Capítulo 34

Esta é, creia-me, a autoridade mais salutar. Eis para onde nosso espírito, em sua temporada nesta terra, deve se erguer preferencialmente. Eis como, renunciando ao amor a este mundo, devemos nos voltar para Deus.

A autoridade é, para os tolos, o único meio de chegar prontamente à sabedoria. Na medida em que não podemos compreender a verdade pura, seria uma infelicidade, sem dúvida, ser enganado pela autoridade. Mas seria uma infelicidade maior ainda permanecer insensível a ela.

Se a Providência divina não preside as coisas humanas, é inútil se ocupar com a religião. Mas, diante da beleza do universo __ que é preciso necessariamente remontar a uma fonte de beleza e de verdade __ e, por outro lado, de um não sei qual sentimento interior que induz as melhores almas, seja reunidas ou isoladas, a buscar Deus e a servi-lo, é preciso reconhecer que o próprio Deus estabeleceu uma certa autoridade, que nos serve como uma escada segura para nos erguer até ele.

Essa autoridade __ onde a razão não tem vez e que é muito difícil para os tolos compreenderem, como já dissemos, em toda sua pureza __ nos impressiona de duas maneiras: através dos milagres ou através da multidão daqueles que se submetem a ela.

O sábio não precisa ser impressionado desta forma; quem nega isso? Mas trata-se aqui de chegar à sabedoria, ou seja, de se aproximar da verdade; coisa que a alma maculada não conseguiria fazer. Ora, as máculas da alma são, para dizer em poucas palavras, o amor à todas as coisas, exceto à alma e a Deus. Quanto mais se está purificado dessas máculas, mas facilmente se percebe a verdade. Assim, querer ver a verdade para purificar a alma é agir de uma maneira estranha e um contrassenso, pois, pelo contrário, purifica-se a alma para ver a verdade.

Quando então uma pessoa não pode perceber a verdade, a autoridade está pronta para colocá-la em condições de fazê-lo e para estimulá-la a se purificar. Essa autoridade, como acabo de dizer, retira sua força dos milagres e da multidão de seus aderentes. Isto é uma coisa incontestável.

Eu chamo de milagre a alguma coisa de grande, de extraordinário, de inesperado e que admiramos sem compreender. De fato, não há nada de mais propício a agir sobre as pessoas e, em particular, sobre os tolos, do que os milagres que impressionam os sentidos.

Aqui também é necessário estabelecer duas categorias. Há milagres que só causam admiração e outros que produzem também um vivo

sentimento de gratidão e de benevolência. Quando se vê uma pessoa voar pelos ares e como isso é um espetáculo sem nenhuma utilidade para o espectador, contenta-se em admirar. Mas, quando uma pessoa que está atingida por uma doença grave e sem cura, retoma prontamente suas forças sob a ordem de alguém, seu espanto por recobrar a saúde será menor do que seu amor pelo seu salvador.

Foi assim que aconteceu na época em que Deus apareceu ao mundo na forma de uma pessoa de verdade, na medida em que isso era necessário. A saúde devolvida aos doentes, a limpeza aos leprosos, o caminhar sobre as águas, a visão aos cegos, a audição aos surdos. As pessoas daquela época viram a água transformada em vinho, cinco mil pessoas saciadas com cinco pães, os mares atravessados a pé, os mortos retornados à vida. Assim, certos milagres tinham mais claramente em vista o bem dos corpos e outros, cujo caráter era mais velado, se dirigiam à alma. Todos atestavam, com sua grandeza, que eles tinham o ser humano como objetivo. Desta maneira, a autoridade divina trazia então para si as almas afastadas dos mortais.

Por que, você perguntaria, essas coisas não são vistas mais?[35] Por que elas não impressionariam se não fossem maravilhosas. Ora, se elas acontecessem habitualmente, elas não seriam maravilhosas.

De fato, as alternâncias entre o dia e a noite; a ordem bem constante dos fenômenos celestes; o retorno periódico das quatro estações

[35] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIV, seção 5.

do ano; as folhas que, uma a uma, caem das árvores e depois retornam; a quantidade infinita das sementes; a beleza da luz; as variedades das cores, dos sons, dos odores e dos sabores; suponha tudo isso visto e sentido pela primeira vez por uma pessoa, com quem, no entanto, pudéssemos conversar; ei-la espantada, estupefata com tantas maravilhas. Nós, pelo contrário, não prestamos a menor atenção a elas. Não por que nos seja fácil penetrar seus segredos. O que há, de fato, de mais obscuro do que as causas que as produzem? Mas por que nós as vemos constantemente.

Os milagres então que mencionamos foram executados em uma época muito oportuna, para que, graças a eles, a multidão de fiéis crescesse e se espalhasse. Sua autoridade serviu utilmente para a conversão dos costumes.

Capítulo 35

Os costumes, quaisquer que eles sejam, exercem sobre as almas um poder tão grande que, mesmo o que há de pior nelas e que se deve comumente ao excesso de paixões, estamos mais rapidamente dispostos a censurá-lo e a maldizê-lo do que a deixá-lo e a mudar.

Não te parece que a Providência não pensou minimamente em nós, quando você vê não apenas alguns sábios de primeira ordem demonstrar que nada sobre a terra e nem dentre os astros, nada enfim do que toca os sentidos, deve ser adorado no lugar de Deus, ao qual é pre-

ciso se elevar através da inteligência somente, mas até mesmo a massa ignara de pessoas de ambos os sexos, por tantas nações diversas, proclamar claramente essa mesma crença? Quando você vê a abstinência chegar até quase recusar o pão e a água, o jejum não apenas praticado diariamente, mas ainda prolongado durante vários dias consecutivos? Quando você vê a castidade sendo levada até o desprezo do casamento e da posteridade, a paciência até o riso das torturas e das chamas, a liberalidade até a distribuição de seu patrimônio aos pobres, enfim, o desdém por tudo o que é deste mundo e o desejo da morte?

São poucos os que têm essa conduta, dir-se-á; e menos ainda os que a tem de uma maneira prudente e sábia. Mas as pessoas a aprovam, as pessoas ouvem suas histórias com prazer, as pessoas a amam, enfim e lamentam sua fraqueza por não poder imitá-la; mas fazem isso não sem alguma elevação de suas almas para Deus e sem algumas centelhas de virtude.

Isso foi o que fez a divina Providência por meio das profecias dos profetas; da humanidade e da doutrina de Cristo; das viagens dos apóstolos; dos ultrajes, das torturas, do sangue e da morte dos mártires; por meio da vida admirável dos santos e, no meio de tudo isso, com a ajuda dos milagres, dignos de acompanhar tantas ações e virtudes, segundo a demanda dos tempos.

Com a visão dessa proteção poderosa do céu e dos belos resultados que ela produziu, hesitaremos em nos refugiar no seio dessa Igreja,

que se fez reconhecer pelo gênero humano inteiro, através de uma sucessão de bispos, começando pela Sé apostólica, apesar dos gritos da heresia condenada, seja pelo julgamento do próprio povo, seja pela autoridade dos concílios, seja, enfim, pela majestade dos milagres? A essa Igreja revestida de uma autoridade sem igual, não querer dar o primeiro lugar, é certamente uma impiedade extrema e uma imprudência arrogante.

Não é o caminho mais seguro que leva à sabedoria e à salvação, curvar sua razão à fé? Não é uma ingratidão com relação a um Deus socorrista e benfazejo, querer resistir a uma autoridade que se recomenda através de motivos tão poderosos?

Se toda ciência, por pouca importância que tenha e por mais fácil que ela seja, exige lições de um mestre para ser compreendida, não é o cúmulo da imprudência e do orgulho, quando se trata de livros repletos de ensinamentos divinos, recusar ouvir seus intérpretes e querer condená-los sem conhecê-los?

Capítulo 36

Se então a razão ou meus conselhos conseguiram comovê-lo; se, como creio, você tem uma verdadeira preocupação com seus interesses, digne-se em me ouvir. Abandone-se aos melhores mestres da doutrina cristã e católica, com uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade simples e não deixe de rezar a Deus, o único que nos criou com sua

bondade, que nos castigou com sua justiça e nos libertou com sua clemência.

Desta maneira, nem as lições e as discussões das pessoas profundamente sábias e realmente cristãs, nem os livros, nem os pensamentos racionais mesmos te faltarão, para atingir facilmente seu objetivo.

Quanto aos doutores falastrões e desprezíveis (este é o termo mais suave que posso empregar), abandone-os totalmente. Preocupados em buscar a origem do mal, eles só encontram o mal. Suas discussões sobre este tema pouco fazem para despertar em seus ouvintes o espírito de busca e despertam as inteligências de uma maneira tão deplorável, que melhor seria dormir para sempre do que despertar dessa maneira. De fato, letárgicos que são, eles se fazem de loucos e mesmo que estas duas doenças sejam frequentemente mortais, elas apresentam, no entanto, a diferença de que o letárgico morre sem fazer mal aos outros, enquanto que o louco é perigoso para muitas pessoas racionais, sobretudo para aquelas que querem socorrê-lo.

Não, Deus não é o autor do mal. Ele nunca se arrependeu do que fez. Nenhuma paixão produz perturbação e desordem em sua mente. Seu império não se limita a uma pequena parte da terra. Não há crime ou delito que ele aprove. Ele não mente jamais. Estas declarações e outros do tipo nos emocionavam, quando esses sectários declaravam com tanta violência que estava aí a doutrina do Antigo Testamento. Isso, sem dúvida nenhuma é uma falsidade.

Também admito que eles fazem bem em censurar estas afirmações. O que então eu aprendi com eles? Foi isto: que se pode censurar certas coisas sem censurar a doutrina católica. Portanto, o que eu aprendi de verdadeiro com eles, eu guardo; o que eu aprendi de falso, eu rejeito.

Mas a Igreja Católica me ensinou muitas outras coisas; o que não poderiam fazer esses homens magros de corpo e espessos de alma. Ela me ensinou que Deus não é corpóreo; que nenhuma parte dele é sensível aos olhos de nosso corpo; que nada em sua substância e sua natureza está sujeito à alteração e à mudança e nem formado por partes unidas entre elas. Se você concorda com tudo isso __ e, de fato, não se pode ter outra ideia da divindade __, toda a maquinação desses heréticos é destruída.

Quanto ao fato de que Deus não criou e nem faz o mal, que não há e nem nunca houve natureza e substância que Deus não tenha criado ou feito e que, no entanto, ele nos livra do mal; tudo isso está provado por razões tão categóricas, que ninguém poderia duvidar disso; sobretudo você e aqueles que se parecem com você e se, todavia, for dedicado a esse exame, além de uma viva inteligência, a piedade e uma certa paz de alma, sem os quais é impossível compreender alguma coisa em matérias tão importantes.

Não se trata aqui de uma história inútil, de um conto persa qualquer que se ouve e a última das crianças compreende. A verdade está longe, bem longe das loucas ideias dos maniqueístas.

Mas esta conversa já se prolongou por muito mais tempo do que pensava. Vamos colocar um fim nela. Lembre-se, no entanto, eu te peço, que eu ainda não comecei a refutar os maniqueístas e nem a atacar seus devaneios e que eu ainda não mostrei nada da grandeza da própria Igreja Católica. Eu quis somente te mostrar, como me foi possível, a opinião falsa que, por maldade ou ignorância, lançaram contra os verdadeiros cristãos e te dar o gosto pelas coisas grandes e divinas. Por isso, terminemos aqui esta conversa. Quando sua mente estiver mais calma, talvez eu esteja mais disposto a continuar[36].

[36] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIV, seção 6.

Créditos

De utilitate credendi

© 389: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018: Teodoro Editor: Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Traduzido de *De l'utilité de la foi*. Tradução do latim de M. Pichenet.

Bar-Le-Duc, 1869.

Cotejado com *De la utilidad de creer*

E com

Utilità del credere

Conteúdo

A utilidade de acreditar 2
Introdução 2
1 2
2 3
3 5
4 5
5 6
6 7
Capítulo 1 8
Capítulo 2 9
Capítulo 3 12
Capítulo 4 13
Capítulo 5 15
Capítulo 6 16
Capítulo 7 17
Capítulo 8 19
Capítulo 9 21
Capítulo 10 24
Capítulo 11 26
Capítulo 12 28
Capítulo 13 29
Capítulo 14 32
Capítulo 15 33
Capítulo 16 34
Capítulo 17 36
Capítulo 18 38
Capítulo 19 39
Capítulo 20 40
Capítulo 21 42
Capítulo 22 43
Capítulo 23 46
Capítulo 24 47

Capítulo 25 _____ 50
Capítulo 26 _____ 54
Capítulo 27 _____ 55
Capítulo 28 _____ 57
Capítulo 29 _____ 59
Capítulo 30 _____ 60
Capítulo 31 _____ 61
Capítulo 32 _____ 64
Capítulo 33 _____ 66
Capítulo 34 _____ 68
Capítulo 35 _____ 71
Capítulo 36 _____ 73
Créditos_____ 77
Conteúdo_____ 78